

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

DAVILENE VERÔNICA DO CARMO DA SILVA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

São Luís

2012

DAVILENE VERÔNICA DO CARMO DA SILVA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Cynthia Moreira Lima.

São Luís

2012

SILVA, Davilene Verônica do Carmo da

Considerações sobre o Ensino de Filosofia para Crianças./ Davilene Verônica do Carmo da Silva. São Luís, 2012.

40 p.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientadora: Cynthia Moreira Lima.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2012.

1. Filosofia - ensino- crianças 2. Educação para o Pensar 3. Comunidade de investigação.

CDU:1:37-053.5

DAVILENE VERÔNICA DO CARMO DA SILVA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Cynthia Moreira Lima.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Cynthia Moreira Lima (Orientadora - UFMA)

1º Examinador

2º Examinador

“[...] pois fazer filosofia não é uma questão de idades, mas de habilidades em refletir escrupulosa e corajosamente sobre o que se considera importante.”

Matthew Lipman

AGRADECIMENTOS

Ao Pai, que é Todo Poderoso; nosso bondoso Deus, por está sempre ao meu lado, por me manter sempre firme e perseverante na minha caminhada acadêmica, na minha luta diária, na minha vida.

A minha família, que me acompanhou, acalmou-me, aconselhou-me, dando bronca; quando necessário, mas o mais importante: impulsionou-me para a vida.

A minha orientadora prof^a. Ms. Cynthia Moreira Lima, que me ajudou bastante, não desistiu de mim, me corrigiu, mas principalmente porque com todos os seus compromissos, não me deixou na mão e me ajudou a concluir essa pesquisa de cunho monográfico.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram, nunca me abandonaram, mantendo-se em pé, fazendo companhia quando, sem parecer, eu me sentia só. Amigos que me fizeram sorrir até quando minha maior vontade era chorar e jogar tudo para o alto: Christyanne, Denise, Flávio Lima, Ilkiane, Liliane, Maurilio Bastos, Monaliza e Raíssa.

Aos meus amigos da UFMA, que caminharam comigo durante quatro anos, que me proporcionaram momentos maravilhosos e que sem dúvida jamais sairão da minha memória: Adryanny Karolyny, Carina Camara, Carmemylla Batista, Elton José, Flaviano Menezes, Igor Pereira, Josué Figueira, Karine Muniz, Lilian Chagas, Nathalia Salazar e Wandyson Oliveira.

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade tecer considerações sobre o ensino de filosofia, com ênfase na ideia pioneira de que as crianças também podem filosofar, abordando o atual contexto da filosofia nas escolas brasileiras. Mostra a necessidade do ensino de filosofia para crianças e jovens. Busca analisar os pressupostos teóricos e metodológicos do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman, destacando os elementos constitutivos de sua estruturação, sua legitimidade e suas implicações numa Educação voltada para o Pensar. É dada uma ênfase no paradigma do pensamento reflexivo, considerando a importância de 'pensar melhor', de acordo com as habilidades e competências propostas por Lipman., que tem por base a Comunidade de Investigação.

Palavras-chave: Filosofia para Crianças, Lipman, Educação para o Pensar, Comunidade de Investigação.

ABSTRACT

This monograph aims to make considerations on the Teaching of Philosophy, with an emphasis on pioneering idea that children can also philosophize, addressing the current context of philosophy in Brazilian schools. Shows the necessity of teaching philosophy to children and youth. Seeks to analyze the theoretical and methodological Program Philosophy for Children of Matthew Lipman, highlighting the components of its structure, its legitimacy and its implications on Education for Thinking. Emphasis is given on the paradigm of reflective thinking, considering the importance of 'think better', according to the skills and competencies proposed by Lipman, which is based on the Community Research.

KeyWords: Philosophy for Children, Lipman, Education for Thinking, Community Research.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	UMA INOVAÇÃO: o ensino de filosofia para crianças	11
2.1	Atual contexto da filosofia nas escolas.....	15
2.2	Necessidade do ensino de filosofia para crianças.....	17
3	FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO PROGRAMA DE LIPMAN.....	19
3.1	Lipman: para um pensamento filosófico das crianças	19
3.2	OBJETIVO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS.....	20
3.3	Habilidades cognitivas	22
3.4	Papel do Professor.....	24
3.5	Conteúdos filosóficos.....	26
3.6	Metodologia do programa.....	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho monográfico visa abordar a problemática sobre do ensino da filosofia para crianças, destacando-se os benefícios das aulas de filosofia e as principais dificuldades encontradas por educadores no ambiente escolar, utilizando as ideias do filósofo norte-americano Matthew Lipman como fundamentação teórica.

O ensino da Filosofia, durante muito tempo, ficou restrito aos Cursos de Magistério e às Universidades. Atualmente a prática desse ensino inicia-se já na infância, com o objetivo de desenvolver no indivíduo desde cedo o gosto pelo pensar filosófico. De acordo com Garcia (2011) ensinar a pensar é o principal papel da Filosofia, por isso, ela deve ser ensinada desde cedo para as crianças, diferentemente do que ocorre no Brasil, onde o ensino de filosofia só é obrigatório no Ensino Médio. Isso constitui uma dificuldade porque alguns alunos quando chegam ao Ensino Médio, não possuem o raciocínio lógico bem desenvolvido, não compreendem a importância de estudar filosofia e às vezes tem preconceito em relação à disciplina, como se ela não fosse importante ou necessária.

Visando mostrar a importância do ensino da filosofia o professor deve construir as suas aulas de forma mais dialogada possível, evitando ensinar de forma mecânica. Cabe a ele fazer uma reflexão sobre como ensinar e aprender filosofia, para que sua prática não seja mera repetição de antigos hábitos de ensinar, mas resultado de uma ação consciente e reflexiva.

Nesse sentido, essa pesquisa terá como ponto de partida uma reflexão acerca do que vem a ser o ensino de filosofia para crianças, de acordo com o ponto de vista de Lipman e qual a metodologia proposta por ele para o ensino de filosofia. De modo geral, Lipman busca levar ao aluno a fazer filosofia, ao invés de meramente aprender filosofia, sua metodologia tem como foco a busca de uma nova forma de aprender filosofia, de modo a oferecer aos alunos a oportunidade de criar seus próprios conceitos, ser ouvido e respeitar a opinião do outro, estimulando uma atitude mais crítica e democrática entre os alunos.

No final dos anos 60 a filosofia saiu dos muros das Universidades e chegou às escolas (através do Programa de Filosofia para Crianças, criado por Lipman). E é sobre essa inovação que essa pesquisa monográfica visa tratar. A mesma está estruturada da seguinte forma: inicialmente será enfatizando o atual

contexto das escolas e a necessidade do ensino de filosofia para crianças; em seguida será apresentado o papel do professor, os conteúdos filosóficos, os objetivos das aulas de filosofia para crianças. Por fim, serão apresentadas as considerações finais acerca desta pesquisa monográfica de cunho bibliográfico.

2 UMA INOVAÇÃO: o ensino de filosofia para crianças

Baseado na constatação de que os seus alunos universitários tinham dificuldade na aplicação do pensamento lógico-reflexivo Matthew Lipman buscou formas de iniciar os alunos o mais cedo nesse tipo de raciocínio, visando o desenvolvimento dessa habilidade cognitiva.

Dessa constatação, Lipman tirou duas importantes conclusões: a primeira, que os cursos de Lógica que ministrava na Universidade não melhoravam a capacidade de raciocínio dos alunos; e a segunda: que as habilidades cognitivas precisavam ser estimuladas de forma sistemática e progressiva desde as primeiras séries e durante todo o ensino de fundamental. Uma vez que as crianças, adolescentes e filósofos compartilham algumas disposições comuns, como a curiosidade, o espanto e o deslumbramento diante do mundo. De acordo com Teles (1999) a natureza das semelhanças e das diferenças, as comparações e analogias são interesses intelectuais comuns a eles. A atitude de busca e descoberta também.

Lipman, buscou estruturar um método de Ensino de Filosofia para Crianças que fosse diferente do ensino tradicional¹ e priorizasse a arte de pensar em sala de aula. Utilizando a realidade dos alunos como fonte de problematização para os questionamentos a serem trabalhados no ambiente escolar, Lipman escreveu livros de cunho filosófico, para crianças e jovens, este, denominados de “romances” ou “novelas filosóficas”, motivado também pelo fato dos filósofos terem quase que ignorado as crianças. Conforme ressalta Kohan:

Incomodava-lhe o modo como os filósofos tinham sistematicamente fechado suas portas para as crianças. Considerou esse impedimento insensível e injusto. Lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso a filosofia. E não apenas lançou uma ideia, mas criou uma instituição e desenvolveu materiais e metodologias para que essa ideia fosse uma realidade (KOHAN et al,1999,p.9).

Na década de 60, Lipman, inovou na educação ao propor um programa de ensino de filosofia buscando testar a hipótese de que se as crianças fossem

¹ Valoriza a aula expositiva centrada no professor, com exercícios de fixação, leituras repetidas e cópias, exercícios de casa, decorando a matéria, com horário e currículo rígido, sem se preocupar com diferenças individuais ou com a participação do aluno durante a aula.

habitadas a pensar filosoficamente desde a mais tenra infância, o desenvolvimento dessas habilidades de pensamento seriam mais facilmente utilizadas quando os alunos estivessem na Faculdade.

Para Lipman as crianças são preciosas. Elas adoram personagens de ficção das histórias que leem e se apropriam deles como amigos. Assim, as novelas filosóficas objetivam proporcionar as crianças a apropriação e o significado do mundo, bem como lhes proporcionar outras formas de ver a vida.

As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamos-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 1995, p. 62).

Com essas novelas filosóficas, Lipman procurou estimular a reflexão dos alunos por meio da empatia entre as experiências dos alunos e as relatadas nas novelas trazendo na leitura conceitos a serem descobertos por meio de diálogos filosóficos em sala de aula.

Unindo o real ao fictício, a utilização dessas novelas filosóficas serviu como meio para que as crianças alcançassem o ensino da filosofia de maneira prática. Embora dialogar não seja o mesmo que viver uma determinada experiência, o aprendizado adquirido em sala de aula por meio da leitura e análise de diferentes pontos de vista dos personagens amplia as possibilidades de compreender e refletir sobre a realidade da qual o aluno faz parte. Assim, Lipman buscou apresentar em cada novela filosófica questões capazes de inquietar os alunos no seu dia a dia, tais como: verdade, justiça, beleza, amizade, etc. Questões essas que estão enraizadas nas experiências da vida de cada um de nós.

Tais exercícios e planos de discussões sobre essas áreas da filosofia auxiliam a estruturar uma sociedade voltada para a democracia. Para Lipman (1990, p.37) “aprender a conviver com o outro é aprender a agir democraticamente”. Por isso, é necessário que nas escolas os currículos escolares contemplem ensinamentos que direcionem os alunos para a democracia. O incentivo através da

educação para o pensar², desenvolve a criticidade e conseqüentemente a compreensão da vivência humana.

Na visão de Maria Luíza Teles, a filosofia para crianças e adolescentes;

[...] é um programa que cultiva o desenvolvimento das habilidades de raciocínio, através da discussão de temas filosóficos, que ajudará os alunos não somente na aprendizagem do saber como também na habilidade de inferir, comparar, relacionar, classificar, definir, deduzir, criticar, fazer analogias, desenvolver valores positivos e posicionar-se de forma reflexiva. (TELES, 1999, p. 12)

Esse programa de filosofia com crianças no Brasil tem cerca de vinte anos de existência, o que torna esse tema atual e desafiador. Esse fato aconteceu porque vários professores apoiaram essa iniciativa e defenderam a necessidade da instrução filosófica, com o intuito de fazer com que a criança desde a infância seja um sujeito questionador e crítico. A capacidade das crianças não deve ser subestimada, para que possamos oferecer a elas uma educação filosófica desde a infância, portanto, é possível dá-lhe uma educação melhor, otimizando seu processo de diálogo, investigação e participação em sala de aula.

As crianças aprendem a questionar desde a sua infância aquilo que faz parte de sua realidade, havendo, portanto, a necessidade de existir, no ambiente escolar, professores capazes de mediar o saber filosófico nos momentos em que a criança passa por angústias e inseguranças. Segundo Lipman (1990, p.13): “A Filosofia oferece um fórum, no qual as crianças podem descobrir por si mesmas, a relevância para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida das pessoas”. Nesse sentido, o pensamento de Lipman visa criticar a educação tradicional, voltada para a reprodução mecânica e unilateral que são repassados pelo professor.

É possível afirmar que o Programa de Filosofia para Crianças realiza um esforço fundamental na consolidação e na valorização do diálogo em sala de aula, transformando seu ambiente em verdadeira comunidade investigativa, onde a busca se orienta por um diálogo pautado na filosofia, portanto rigoroso e organizado o suficiente para permitir a intervenção de quem queira contribuir, de maneira que todos se sintam parte dessa

² A educação para o pensar é uma proposta pedagógica do Lipman que visa desenvolver dentro do contexto da sala de aula determinadas habilidades cognitivas, empregando a metodologia da comunidade de investigação para que o aluno possa dialogar com os demais, investigar um tema filosófico e pensar melhor tanto nas ciências quanto nas demais áreas do conhecimento, na busca de significados sociais, morais e culturais para suas vidas.

comunidade e responsáveis pelas ideias que constroem e pelo conhecimento que constituem e pelas problematizações criadas. Este ambiente em que a participação do professor é fundamental é o berço do desenvolvimento e do amadurecimento das habilidades cognitivas (SANTOS, 2000, p.30).

Lipman acredita que a educação deve iniciar principalmente as crianças no mundo da filosofia, para que elas alcancem um pensamento reflexivo e possam tomar decisões mais conscientes. De acordo com Lipman, pensar melhor significa:

Pensar melhor em sala de aula significa, basicamente, pensar melhor através da linguagem e isto implicava na necessidade de ensinar o raciocínio, tradicionalmente uma subdisciplina da filosofia. O raciocínio é aquele aspecto do pensamento que pode ser formulado discursivamente, submetido a critérios de avaliação (pode haver raciocínio válido e não válido) e ensinado. Ele envolve, por exemplo, a utilização de inferências bem fundamentadas, a apresentação de razões convincentes, a revelação de suposições latentes, a determinação de classificações e definições defensáveis e a organização de explicações, descrições e argumentos coerentes. Em geral, ele produz uma sensibilidade em relação aos aspectos lógicos do discurso que não foram desenvolvidos em nosso atual sistema educativo. (LIPMAN,1990, p.46;47).

Segundo Martins (2010), a prática de filosofia na educação das crianças deve ter o propósito de contribuir para que o sistema educacional desenvolva adequadamente o raciocínio e a capacidade de julgar dos alunos.

Vários professores se interessaram pelo Programa de Filosofia para Crianças de Lipman e ele se espalhou por diversos países. Adaptado a realidade brasileira, o Programa de Filosofia para Crianças foi o pioneiro para outros projetos de ensino de filosofia para crianças como, por exemplo: a criação do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC).

O programa de Lipman chegou ao Brasil em 1984 por intermédio de Catherine Young Silva. Em 1985, ela juntamente com outros professores de filosofia fundou o CBFC com sede em São Paulo. Apesar das críticas de filósofos na década de 1990, como a de que criança não pode filosofar, o programa de Lipman ganhou repercussão a nível nacional.

Para que ocorresse a inserção do programa no Brasil, o CBFC teve que realizar a tradução das novelas filosóficas e dos manuais do professor. Devido ao grau de credibilidade e aceitabilidade desse programa, o mesmo se espalhou por várias capitais brasileiras. Foram criados centros regionais em Belo Horizonte,

Recife, Campinas, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Petrópolis, Ribeirão Preto, São Paulo e São Luís do Maranhão. Mas atualmente o centro está desativado.

De acordo com Muraro (2009), o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças por ter sido o primeiro no Brasil, tornou-se referência principalmente por promover e divulgar ações que através da filosofia contribuem para a formação da autonomia das crianças. O grande diferencial do CBFC foi buscar através da disciplina as habilidades cognitivas por meio do diálogo investigativo.

Em 1974, Lipman fundou o Institute for the Advancement of Philosophy for Children (IAPC) Instituto para o Avanço da Filosofia para Crianças, tornando-se assim um pioneiro no campo do pensamento crítico na área da filosofia pré-universitária. O principal objetivo do instituto era ampliar o currículo de Filosofia para Crianças e capacitar professores, com o intuito de desenvolver pesquisas e oferecer orientações para a criação e acompanhamento de Centros de Filosofia em outros países.

Para Silveira (2003), o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças atém-se rigorosamente as diretrizes fixadas pelo Institute for the Advancement of Philosophy for Children (IAPC), a matriz norte-americana responsável por coordenar a implantação do programa em outros países.

Sete anos depois da implantação do Programa de Filosofia para Crianças no Brasil, o mesmo foi implantado tanto em escolas públicas quanto privadas, contribuindo para o reconhecimento da importância das aulas de Filosofia para Crianças nas escolas brasileiras.

2.1 Atual contexto da filosofia nas escolas

Quando Lipman desenvolveu o programa de Filosofia para Crianças ele vislumbrou que a mesma teria o intuito despertar a investigação filosófica na formação das crianças desde os primeiros anos de escolas. O fazer filosófico dentro das escolas do Ensino Fundamental visava desenvolver nos alunos a prática para o pensar, nesse sentido, a sala de aula deveria ser um ambiente que estimulasse o questionamento e diálogo entre os alunos, principalmente acerca de temas problematizadores e inquietantes da faixa etária de cada série do Ensino

Fundamental. Uma vez que o aluno é levado a refletir sobre tais problemas, ele compreende que a filosofia não tem respostas prontas ou verdades absolutas, mas saberes que se renovam enquanto problemas e requerem sempre novas respostas. Saberes esses que podem auxiliar a melhorar a sua vida e a sua forma de resolver problemas.

Na sala de aula do Ensino Fundamental, a filosofia ajuda o aluno a encontrar respostas, a respeitar a resposta dos colegas, a liberdade de pensar e de se expressar. Para Lipman, o papel do professor não deve ser o de meramente transmitir conteúdos filosóficos aos alunos, mas principalmente de atuar como um facilitador do processo de aprendizagem, mas é “claro que o professor é necessário enquanto mediador, e o mediador é a própria história. O papel do professor talvez possa ser mais bem descrito como o de um facilitador, [...]” (LIPMAN,1997, p.29).

A introdução da filosofia no currículo escolar, desde o Ensino Fundamental, permitirá com que a criança adquira o pensamento multidimensional e desenvolva as habilidades necessárias ao “bem pensar”. Isso nos leva a crer que a filosofia deve buscar seu espaço próprio no currículo escolar em todos os níveis. Infelizmente, esta disciplina quase sempre é ministrada apenas nos últimos anos do Ensino Médio e seu objetivo principal, na maioria das vezes, é ensinar história da filosofia e não ensinar a filosofar.

Outro ponto a ser citado é que o ideal seria trabalhar com material pedagógico adequado às crianças, pois trabalhar filosofia com crianças significa conhecer seus valores, sua história de vida, enfim; a cosmovisão de cada grupo.

Podem-se identificar, entretanto, alguns problemas da aplicação desta proposta de Lipman no Brasil. Entre eles: os custos dos cursos e do material pedagógico eram altos e os cursos duravam apenas de três a quatro dias. Além disto, talvez pela dificuldade de implantação da disciplina filosofia para crianças na rede pública de ensino, o CBFC concentrou-se na rede particular- apenas 30% das escolas que aplicam o programa são da rede pública. Visto por esse ângulo, a orientação dada pelo CBFC parece insatisfatória. Somente essas questões já seriam suficientes para indicar a necessidade de se repensar à adequação deste programa ao contexto brasileiro.

2.2 Necessidade do ensino de filosofia para crianças

Hoje vivenciamos grandes avanços tecnológicos que influenciam diretamente no nosso modo de viver. A agilidade com que são produzidas e repassadas as informações, por meio dos veículos de comunicação exige uma forma mais crítica de leitura e interpretação dessas informações. Nisso reside a importância da filosofia para crianças nas escolas e a preparação de professores para atuar de maneira crítica na construção desses saberes. Caracterizando-se como um grande desafio aos professores que têm um papel de destaque na formação de novos cidadãos com habilidades necessárias para transformar a informação em conhecimento e conhecimento em ações subsequentes.

Durante muito tempo, a filosofia foi mantida distante das escolas de Ensino Fundamental, pois para alguns professores a racionalidade que um indivíduo necessita para elaborar um pensamento filosófico ainda não estaria presente nas crianças, enquanto que para um adulto a capacidade de indagação, de questionamento e perplexidade que constitui a ferramenta principal da filosofia, mostra-se com toda força. Diante disso, Lipman afirma que:

Se é possível dizer que estamos fazendo filosofia por discutir assuntos filosóficos racionalmente numa sala de aula de faculdade, devemos estar fazendo filosofia também quando discutimos racionalmente assuntos filosóficos numa sala de aula de primeiro grau. (LIPMAN, 1990, p.202)

Os pensadores durante o decorrer da história tinham a Filosofia como algo enigmático, abstrato e distante da realidade. Atualmente, esse pensamento começou a ser modificado, uma vez que o ser humano nasce com a capacidade de compreender o mundo e a si próprio, tendo condições de criar novos significados, elaborar questionamentos e buscar respostas para os problemas que o afligem.

A filosofia é uma fonte permanente de construção crítica da significação e do direcionamento da *práxis*. As crianças já nascem com inclinações para a curiosidade, a admiração, a indagação, a discussão e a reflexão; elas tem facilidade em descobrir como funcionam as coisas do mundo. Os conceitos que elas formam das coisas ao seu redor são fundamentais para o modo de como constroem o mundo.

A infância é uma fase onde as crianças têm a experiência de vivenciar um emaranhado de sentimentos. Dessa forma é essencial que aprendam a discutir e pensar acerca desses sentimentos e lhes deem significados. Portanto, a infância é um momento propício ao ensino da filosofia, já que a criança se encontra em período de desenvolvimento e formação de valores. A filosofia pode auxiliar na formação crítica e no pensamento democrático das crianças.

A criança apresenta como principal característica a mente ativa e curiosa. Para Lipman, portanto, a ideia de que a criança não aprende a filosofar não existe, pois é nesse momento que a filosofia deve ser inserida em sua vivência diária, com o papel de servir como guia para as experiências que as crianças terão ao longo da vida. No livro "*Filosofia para Crianças: a tentativa pioneira de Mathew Lipman*", Walter Omar Kohan afirma que:

Mathew Lipman se incomodava com a forma como os filósofos tinham fechado suas portas para as crianças. Considerou este impedimento insensível injusto. Lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à filosofia. Não apenas lançou a ideia, mas criou uma instituição e desenvolveu materiais e metodologia para que esta ideia fosse uma realidade. (KOHAN, 1999a, p. 09)

A Filosofia pode levar as crianças a compreenderem o mundo e si mesmas, de maneira racional e orientá-las na busca de razões, da compreensão do homem e da sociedade, estimulando-as a agir de forma racional e ética.

3 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO PROGRAMA DE LIPMAN

A instituição escolar deve estar aberta às transformações que ocorrem fora dela, para que seja geradora e difusora de uma educação que auxilie seus alunos a desenvolver um pensamento autônomo, eficiente e competente. Dessa forma, não cabe à escola, ensinar o produto de investigação, mas sim ensinar a investigar. A meta deve ser desenvolver as habilidades cognitivas da criança para que elas próprias sejam capazes de encontrar suas respostas, dentro de contextos de aprendizagens democráticos e significativos.

Segundo Chioca (2002, p. 05) “é primordial que as coisas tenham sentido”. A falta de sentido no que se faz, gera uma situação de conflito. E isso na educação é uma prática pedagógica que nega a existência de “estar no mundo”.

O professor deve procurar fazer uma relação entre o conteúdo a ser estudado e a realidade do aluno. Deve também estar atento a metodologia a ser utilizada em sala de aula, para que a mesma possa ajudar os alunos no processo de investigação e busca de respostas. Uma das ferramentas utilizadas pelo educador nas aulas de filosofia deve ser o diálogo, o qual se direcionado da maneira correta cumpre um papel fundamental na motivação do exercício de um pensar criterioso, criativo e autocorretivo.

Ao ensinar filosofia com crianças, o diálogo deve ocupar um lugar de destaque, pois ensina o aluno a ouvir o outro, ao mesmo tempo em que o incentiva a formular e defender seus argumentos, levando-o ao exercício da cidadania enquanto respeito ao diferente, às opiniões divergentes, à diversidade cultural etc. A Filosofia na sala de aula acontece quando se realiza, fundamentalmente, pelo diálogo, já que é pela linguagem que as crianças desenvolvem sua capacidade de pensar e o mediador desse processo deve ser o professor.

3.1 Lipman: para um pensamento filosófico das crianças

Nascido em 24 de agosto de 1923 na cidade de Vineland, localizada em Nova Jersey, Lipman quando jovem serviu na artilharia dos EUA entre os anos de

1943 e 1946 na França e na Alemanha, onde foi premiado com duas estrelas de bronze, pelo seu desempenho durante a Segunda Guerra Mundial.

Anos depois, quando saiu da artilharia, Lipman obteve grau em P.h.D. em Filosofia pela Universidade de Columbia. A sua tese fez com que ele ganhasse o título de doutor baseado nos ideais do filósofo John Dewey. Posteriormente, Lipman tornou-se professor de Filosofia na Universidade de Columbia e presidente do Departamento Geral de Educação na Universidade de Columbia entre 1950 a 1960.

Sua vasta experiência acerca da Filosofia e as experiências políticas e universitárias vividas no período em que foi professor levaram Lipman a concluir que aprender a pensar criticamente, indagar sobre questões filosóficas e desenvolver julgamentos razoáveis devem começar muito mais cedo na formação dos indivíduos e não somente no ensino médio ou universitário. Pensando em colocar suas ideias em prática e em ensinar filosofia para as crianças, Lipman escreveu a sua primeira novela filosófica, que no Brasil foi publicada com o título de “A descoberta de Ari dos Telles”.

Essas novelas filosóficas são essências para a aplicação do programa, porque por meio delas o aluno tem o material necessário para permitir a ele formular questões de cunho filosófico e se identificar com as problemáticas expostas nas novelas. Lipman tinha o objetivo de introduzir as crianças no mundo filosófico e fazê-las buscar respostas aos seus próprios questionamentos. Suas novelas filosóficas foram aplicadas em várias escolas, visando estimular o pensamento filosófico das crianças.

3.2 Objetivo do ensino de filosofia para crianças

Na atualidade o ensino de filosofia para crianças ainda se encontra em processo de expansão e aceitação. É um dos fatores que contribuem para isso é o fato do ensino de filosofia não ser obrigatório no ensino fundamental. Além disso, durante muito tempo o professor de filosofia não era valorizado, sendo por vezes até mesmo indesejável nas escolas brasileiras. Entretanto, faz-se necessário pensar sobre as razões que justificam a presença da filosofia em sala de aula. De acordo com Lorieri, existem três razões para isso:

Daí três razões para justificar a presença da filosofia na vida humana e no processo educacional: a) a necessidade de reflexão crítica e abrangente sobre certos aspectos fundamentais da realidade e de nós mesmos; b) a necessidade de produzir significações ou sentidos para nossas vidas; c) a necessidade de aprender a colocar em debate significações ou sentidos que sempre estão presentes em qualquer cultura. Há também, nesse processo, uma contribuição para o desenvolvimento da maneira de pensar reflexiva, crítica e compreensiva (LORIERI, 2011, p.60).

Vale ressaltar que a filosofia para o pensar, conforme proposta por Lipman dá a oportunidade do aluno de desenvolver um pensamento crítico, por isso, o ensino de filosofia tem como principal objetivo levar o aluno a rever seus valores e construir seus próprios conceitos filosóficos.

[...] esta é uma das possibilidades do ensino de filosofia: experimentar novas relações entre os seres, construir novas composições; o pensamento como plano de composição onde as relações e os acontecimentos se constroem e se desconstroem. Porque os conceitos filosóficos não são noções universais, mas singularidades, à reflexão, à comunicação, onde o conceito impede o pensamento de ser uma simples opinião; o conceito é o que faz pensar em domínios heterogêneos (LORIERI, 2002, p.17).

O objetivo é criar condições para que as crianças aprendam de forma refletiva e não de forma mecânica. E também ouvir a voz das crianças, o que elas têm a contribuir com a construção do conhecimento filosófico. Nesse sentido, o professor deve ver na filosofia uma ferramenta para melhorar seu trabalho na sala de aula e abandonar o comodismo dos conceitos prontos e a rotina que leva a mesmice na sala de aula.

O professor não deve priorizar o uso de datas e dados para serem decorados e reproduzidos no momento da avaliação, mas criar meios que levem o aluno a interpretar e recriar os conhecimentos filosóficos discutidos e gerados em sala de aula. O professor de filosofia deve buscar desenvolver a racionalidade dos alunos e o fortalecimento das habilidades cognitivas necessárias para o pensar filosófico.

Segundo Silveira (2003, p.43):

Cabe a escola garantir que os alunos se apropriem desse saber, a fim de alcançarem um patamar mais elaborado de compreensão da realidade que os torne mais bem preparado para intervir de forma consciente e crítica nessa realidade. Isso é particularmente importante para os alunos oriundos das camadas populares que, via de regra, têm

na escola a principal, senão a única, fonte de acesso a esse saber, sem o qual ficariam em condição ainda mais desfavorável na sociedade, em que já são discriminados e excluídos.

O exercício da filosofia na sala de aula auxilia no desenvolvimento da autoestima do aluno, uma vez que ele necessita se expressar diante dos demais para realizar questionamentos e contribuir com suas ideias nas discussões geradas em sala. A filosofia pode contribuir positivamente para a formação da personalidade dos alunos e construção da sua autonomia porque a filosofia não é um saber acabado, mas um saber que se constrói a cada dia, o qual deve estar sempre aberto a novas interpretações e recriações, de maneira que ele se mantenha sempre significativo e atual para seus alunos.

3.3 Habilidades cognitivas

Habilidade é uma capacidade particular que cada indivíduo possui quando necessita produzir soluções para determinado problema. Na educação a palavra habilidade ganha uma nova conotação. Nesse contexto, a mesma vem ser o saber fazer, ou seja, a capacidade do indivíduo de classificar, montar, calcular, ler, observar e interpretar.

Destaca-se entre estas, as habilidades de pensamento, citadas no programa de Filosofia para Crianças de Lipman, que segundo ele, consolida as potencialidades cognitivas das crianças, de modo a prepará-las a um pensar mais refletivo e consciente. Isso estimula as crianças a pensar melhor sobre como devem ou não agir e decidir quando é apropriado adiar ou evitar determinados problemas.

Percebe-se então que as habilidade para o pensar bem no ambiente da sala de aula torna-se o marco diferenciador da capacidade de pensamento empreendida em cada exercício ou investigação proposta. Dessa forma, Lipman (1999) destaca algumas habilidades de pensamento como:

- Habilidade de investigação: quando esta é desenvolvida, faz com que a criança, desperte o desejo de pesquisar ou analisar uma situação-

problema. A partir dela, o aluno vai buscar formas diversificadas e elaboradas para solucionar um determinado problema;

- Habilidade de raciocínio: tal habilidade ajuda o aluno na aquisição de conhecimento no que se refere a coordenar, estender, analisar e justificar os conhecimentos adquiridos;
- Habilidade de organização da informação ou formação de conceitos: que ajuda o aluno a identificar, intelectualmente, desde objetos até situações, estabelecendo relações e atribuindo significados para compreender a realidade;
- Habilidade de tradução ou diálogo: refere-se à capacidade de traduzir a mesma coisa com outras palavras, sem comprometer o seu real sentido.

Essas quatro habilidades são essenciais no ambiente escolar, pois mede a excelência do pensar, como mostra o quadro abaixo:

Quadro das Habilidades

RACIOCÍNIO	INVESTIGAÇÃO	CONCEITO	TRADUÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trocar inferências; ▪ Raciocinar por analogia; ▪ Pensar por meio de regra de convenção; ▪ Hipótese; ▪ Silogismos; ▪ Distinguir a verdade da validade; ▪ Detectar falácias. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Distinguir razões de não-razões; ▪ Boas de más razões; ▪ Formar e confrontar hipóteses; ▪ Levantar questões e problematizar; ▪ Antecipar e explorar consequências; ▪ Definir aplicar e valorizar critérios. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelecer relações; ▪ Trocar distinções; ▪ Definir conceitos como: poder, beleza, razão e amizade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escutar os outros; ▪ Ser sensível à dimensão afetiva; ▪ Ser empático; ▪ Ser aberto intelectualmente; ▪ Dialogar; ▪ Respeitar; ▪ Ser importante; ▪ Ter autocontrole.

Essas habilidades devem ser estimuladas e exercitadas em sala de aula por meio da interação com os colegas e com o professor, o qual deve estar comprometido com uma educação que desenvolva o pensamento crítico e autônomo. Conforme esclarece Silveira:

É importante que essas habilidades sejam trabalhadas no contexto de uma disciplina humanística capaz de impedir que sejam mal empregadas. Sendo assim, a disciplina mais bem preparada para realizar essa função seria a filosofia, por estar comprometida com a investigação de assuntos problemáticos. (SILVEIRA, 2011, p. 191)

Percebe-se, então, que o programa de Filosofia para Crianças de Lipman busca aprimorar as habilidades cognitivas já existentes na criança desde o nascimento, com o intuito de desenvolver seu o bem pensar, para que ela possa mais do que assimilar, mas principalmente problematizar, analisar e examinar os conhecimentos expostos no âmbito da sala de aula. Ressalta-se que tais habilidades são desenvolvidas com o auxílio do professor que exerce o papel de facilitador no processo de educação para o pensar.

3.4 Papel do professor

No ensino da Filosofia é necessário que o professor defina de maneira clara seus objetivos para que possa concretizá-los no ambiente da sala de aula. A sala de aula é um espaço rico, porém complexo, devido a heterogeneidade de pessoas que há nela, incluindo o próprio professor. Esse grupo de pessoas, num pequeno espaço, cerca de 4 horas diárias, pode tornar o pensamento do ambiente escolar contraditório.

Nesse contexto, a educação vem reproduzindo a sociedade e o que a mesma deseja. Entretanto, isso não cabe mais nos dias atuais, porém, na maioria das vezes, o educador se sente limitado pelas dificuldades, tais como: preconceito racial, problemas familiares etc. encontradas nesse ambiente limitando-o em suas tarefas diárias. Contudo, o professor não deve desanimar, mas, rever a sua prática e verificar quais são as necessidades e interesses dos seus alunos.

O professor, também pode se tornar um aprendiz uma vez que seja capaz de refletir sobre sua própria prática e trabalhar temas ou conteúdos filosóficos do seu dia-a-dia, sem tentar impor seu ponto de vista diante dos alunos, mas sabendo escutar, ponderar e coordenar de forma ordenada os diálogos gerados em sala.

Cabe ao professor prover as condições necessárias para que essa investigação cooperativa aconteça, assumindo a função de facilitador ou orientador dos debates, permanecendo constantemente atento a uma possível “conduta ilógica entre os alunos”. Assim, sua principal função passa a ser acompanhar e vigiar o desempenho lógico das crianças, isto é, o seu modo de pensar e exprimir seu pensamento; o professor abstém-se, porém, de externar seu próprio ponto de vista a fim de forçar as crianças a buscarem por si mesmas as respostas para suas indagações e também para evitar o risco de doutriná-las (SILVEIRA, 2003, p.23).

Para Kohan (1998) cabe ao professor coordenar de maneira consciente o exercício prático e teórico da proposta do ensino da Filosofia para Crianças e trazer ao grupo uma forma cooperativa de trabalhar a ser realizada por todos por meio da comunidade investigativa. De acordo com Chioca:

A prática da comunidade investigativa se dá pela ação do aluno. Esta ação acontece por meio de uma metodologia de trabalho que possibilita ao aluno o querer aprender. Essa metodologia tem como base alguns meios que instigam o aluno a buscar o conhecimento. Isso é possível por intermédio de uma metodologia de projetos, de pesquisas, de participação democrática nas discussões de uma pedagogia dialógica. (CHIOCA, 2002, p. 04)

No programa de Lipman a posição do professor tradicional que transmite apenas conteúdos repetitivos e valoriza o poder e a autoridade na sala de aula é criticada. Para ele, professor e aluno devem interagir com respeito, sentados em círculo e não em fileiras, para que seja estimulada a concentração do que está sendo trabalhado em sala de aula e apreciação do outro.

O desenvolvimento da comunidade investigativa na sala de aula visa oferecer às crianças momentos de experiência democrática e de novas vivências, o que irá torná-las mais conscientes de questões filosóficas. Entre professor e aluno deve existir uma relação de confiança e investigação conjunta na construção dos conhecimentos discutidos em sala de aula. O professor deve

ter em mãos um planejamento com assuntos de real significância para as crianças, assuntos que estejam dentro do seu contexto e que a levem à reflexão e a um pensar autônomo e responsável. Ao escolher os assuntos, o professor deve verificar textos que levem o aluno a fazer inferências, reflexões e associar elementos culturais para realizar a sua crítica.

Ao se dispor a trabalhar com o currículo de Filosofia para Crianças, faz-se necessário a formação do professor, para que ele conheça o programa antes de experimentá-lo na sala de aula, onde a proposta é a de aulas semanais, em que os alunos se reúnem para discutir sobre os temas apresentados nas novelas, dentro da comunidade de investigação. No Brasil, os cursos de formação eram, inicialmente, oferecidos pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, sediado em São Paulo, e também pelos Centros Regionais, espalhados por algumas cidades do país. Cada curso correspondia a uma novela filosófica e incluía, em média, uma carga horária de 40 horas.

3.5 Conteúdos filosóficos

No desenvolvimento da humanidade, a criança foi vista como um ser que necessita ser moldado, lapidado. Alguns teóricos defendiam a ideia de que, ao nascer, a criança era comparada a uma folha de papel em branco, onde iriam ser escrito conceitos, preceitos éticos, morais, entre outros, que seriam necessários e/ou convenientes para sua adequada inserção no meio social.

Atualmente, vários estudos foram desenvolvidos acerca das crianças e as mesmas passaram a ser vistas como indivíduos com características e pensamentos próprios, cabendo ao adulto apenas auxiliá-las a compreenderem melhor a si mesmas e ao mundo que as cercam. As crianças são curiosas por natureza, então, nelas o sentido de investigação é aguçado, o que facilita o processo do filosofar.

A Filosofia, enquanto disciplina na sala de aula, busca formar hábitos, estimulando o aluno a participar ativamente das relações sociais, com seus pares, buscando evidenciar a importância dos mesmos para a vida. De acordo com Kohan:

É por isso que as práticas sugeridas visam formar hábitos para que as crianças aprendam a ouvir-se mutuamente, a perceber outras dimensões do mundo social, a fazer cada vez perguntas mais complexas, a conceitualizar, a reconhecer pressupostos, a fundamentar seus pensamentos, a extrair inferências, a estabelecer, a confrontar e valorar critérios, a refletir sobre o ambíguo e o provável, a trabalhar com hipóteses, a construir um espaço físico, intelectual e afetivo seguro para a investigação. (KOHAN, 1999, p.12)

O conteúdo trabalhado pelo Programa Filosofia para Crianças é bastante amplo e variado, abrangendo desde as áreas clássicas da filosofia, como a lógica, a ética, a estética, até elementos do cotidiano e do interesse imediato das crianças. Não se pretende que as crianças estudem diretamente o pensamento dos grandes filósofos, o que seria impróprio ao seu grau de desenvolvimento intelectual, mas elas podem assimilar indiretamente e de forma simplificada as questões complicadas que esses filósofos enfrentaram. Assim, os conteúdos são apresentados às crianças em uma linguagem mais simples, cabendo aos alunos selecionar para a discussão as questões que lhes parecem mais relevantes, de acordo com as suas expectativas e inquietações. O benefício da prática filosófica em sala de aula não é somente percebido pelo aluno, mas também pelo professor, pela escola e pelas famílias.

O aluno desenvolve mais a ética, a cidadania, o respeito ao outro, as regras etc., porque quando a filosofia é ensinada através do diálogo investigativo, as crianças tornam-se mais críticas, criativas e sensíveis ao contexto em que vivem, enriquecendo as práticas educativas.

A partir do estudo da Filosofia busca-se enriquecer a prática educativa para pensá-lo reflexivo, possibilitando ao professor desprender-se de certas ações conteudistas e repensar novas e melhores formas de realizar sua prática pedagógica proporcionando meios para uma educação crítica que coloca o aluno em sintonia com o que está à sua volta, não como mero espectador, mas como atuante e participante na sociedade. Nesse caso, vê-se o essencial papel da disciplina para um pensar crítico da realidade em que vive, relacionando fatos cotidianos a conteúdos estudados.³

Apesar dos avanços no setor educacional, alguns professores ainda se permitem utilizar o ensino conteudista para desenvolver seu trabalho em sala de

³ Filosofia para crianças. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos>. Acessado em: 20 jun 2012.

aula, sem se preocupar com o desenvolvimento das diferentes habilidades do aluno. Por isso, Lorieri (2007, p.21) afirma que; “o ensino da filosofia torna-se necessário, porque é através da filosofia que as pessoas podem produzir de maneira reflexiva, crítica, metódica, profunda e abrangente algum significado”, da mesma forma, algum sentido para o seu viver, o que engloba produzir algum significado ou sentido para a realidade da que fazem parte.

Neste sentido, valores éticos, estéticos, cívicos e morais deverão ser introduzidos neste elenco de temas que, por perpassarem toda a grade curricular, constituem-se em material próprio para instigar os debates filosóficos. De igual modo, questões atuais sobre ecologia, violência, política e empregabilidade, entre outras, também podem suscitar opiniões e conceitos divergentes, o que instiga as discussões por exigirem o domínio da técnica argumentativa. (CASTRO, 2007, p. 02)

Portanto, ensinar filosofia para crianças requer compromisso e responsabilidade para incitar o diálogo com as mesmas. Dessa forma, o ensino da filosofia para crianças no âmbito da sala de aula deve ser uma interpretação, investigação e construção de novos conceitos e realização de experiências, ou seja, a filosofia deve se constituir num processo de desenvolvimento de habilidades cognitivas.

O material didático utilizado para preparar as aulas de filosofia para crianças na proposta de Lipman tem por base as “novelas” ou “romances filosóficos”, Lipman descreve de maneira fictícia e busca fazer com que o leitor se identifique com as situações apresentadas nas histórias e procure entendimento e respostas para as mesmas. Para cada história que é apresentada Lipman e seus colaboradores escreveram um manual para o professor. O manual contém exercícios e planos de discussão fundamentados nas ideias apresentadas em cada novela e objetivam auxiliar o planejamento das aulas dos professores, oferecendo modelos e exercícios e de questionamentos a serem feitos as crianças, por meio de um plano de discussão. Kohan afirma que:

Eles procuram traçar um aponte entre a filosofia dos filósofos e as inquietações e possibilidades filosóficas das crianças. Eles visam oferecer modelos claros, práticos e específicos para fazer filosofia, nos moldes de Lipman, a professores sem formação acadêmica em filosofia, recuperando para eles a tradição filosófica e oferecendo-lhes

possibilidades para ir além dessa tradição. Enquanto os exercícios procuram fortalecer alguma habilidade específica de pensamento e os procedimentos mais habituais de investigação filosófica, os planos de discussão visam a formação de conceitos filosóficos nos alunos e se compõe geralmente de perguntas que lidam com um único conceito, problema ou relação . (KOHAN, 2000, p. 62-63)

As histórias dos romances são repletas de personagens, em sua maioria; crianças. No decorrer de cada episódio narrado, os personagens 'mirins' se deparam frequentemente com enfrentamentos semelhantes aos experimentados pelas crianças reais no dia-a-dia. Na trama das histórias as crianças falam, questionam e discutem sobre os problemas encontrados, buscando realizar bons julgamentos. Unindo o real ao fictício, as novelas filosóficas servem como um meio para que as crianças aprendam a filosofia de uma maneira prazerosa.

3.6 Metodologia do programa

Com as transformações ocorridas no interior da sociedade, a escola deve estar disposta a acompanhar essas mudanças, no intuito de levar o aluno a refletir acerca dessas transformações e a ter uma atitude positiva. Por isso, a filosofia nas salas de aula busca auxiliar o aluno a desenvolver um pensamento autônomo.

Neste contexto, cabe à escola ensinar o aluno a investigar. Portanto, tanto o conteúdo como a metodologia deve ajudar o aluno a buscar significados para a sua realidade por meio do diálogo, pois o diálogo motiva o exercício de um pensar criterioso, criativo e autocorretivo, além de ensinar o respeito a fala do outro, às opiniões divergentes e a diversidade cultural.

É no diálogo que as crianças conseguem internalizar atitudes mentais (de interrogação, de escuta, de respeito mútuo, entre outras). Possibilitando que elas se exercitem no uso de habilidades como: "ouvir o que os colegas dizem", visando criar o hábito de prestar atenção ao que foi dito; falar o que pensam a respeito do conteúdo da fala dos demais, o que significa aprender a interpretar o discurso dos colegas e a se posicionar diante dele; dar razões ou apresentar

justificativas, isto é, justificar e fundamentar o que dizem e pensam. Mas no momento da aula o professor deve ficar atento para que todos participem, ou seja, abrir espaços para que todas as crianças expressem suas ideias e sentimentos.

Essa metodologia pode ser trabalhada tendo como apoio o lúdico. Aliado ao lúdico, o professor deve ter um aparato de conteúdos interessantes e fazer usos de quadros, cartazes, murais, recursos audiovisuais que motivem o aluno a elaborar questionamentos. De acordo com Silveira:

Convém lembrar ainda que para Lipman, diálogo cumpre também o objetivo de motivar a participação das crianças nas sessões de filosofia para elas, a fim de facilitar a internalização dos valores e comportamentos que se deseja que as crianças assumam como seus. (SILVEIRA, 2003, p.66)

Mas para atingir esses objetivos, o diálogo não deve ser confundido com mera conversa desorganizada, um simples bate-papo. Trata-se de um diálogo com um fim investigativo, que se caracteriza por ser criterioso, disciplinado pela lógica e bem coordenado pelo professor.

As conversas dos jovens, quando organizadas e disciplinadas, produzem uma oportunidade superlativa para o aprimoramento das habilidades de pensamento, porque a comunicação verbal exige que cada participante ocupe-se simultaneamente e sequencialmente com uma série considerável de atos mentais. (LIPMAN, 1990, p.150)

A disciplina filosofia pode orientar e direcionar os alunos a refletir e ter pensamentos autônomos, independente de credo, raça ou situação econômica. Através da filosofia, o aluno tem a possibilidade de exercitar seu pensar e tomar consciência da responsabilidade de seus atos.

Nesse programa estruturado por Lipman, a metodologia é extremamente participativa, pois a aula é construída junto com o aluno e se inicia a partir dos conhecimentos prévios do mesmo, acerca do tema a ser tratado. Inicialmente é feita a leitura da novela filosófica, de acordo com a idade em que as crianças se encontram. A partir da leitura, inicia-se a problematização e a percepção e dos conceitos daquilo que deve ser relevante para ser discutido em sala de aula. Para melhorar a eficácia do programa o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças recomenda que os professores que

o aplicam observem as instruções contidas nos manuais que acompanhas cada novela filosófica.

Destaca-se na leitura e discussão das novelas filosóficas, um grupo de alunos que interage entre si, por meio do diálogo, tem a oportunidade de compartilhar da ajuda e da compreensão de cada membro do grupo no enfrentamento da problemática apresentada, a fim de aprimorar a sua maneira de perceber essa situação. Neste caso, o diálogo é o eixo central desse programa; “mas não se trata de um diálogo qualquer, um mero bate-papo desorganizado e descomprometido. Antes, precisa ser criterioso e, principalmente, logicamente disciplinado.” (SILVEIRA, 2003, p.17)

Tanto a problematização quanto a percepção ocorrem através do diálogo filosófico e são mediadas pelo professor. Ao final da aula é feito o processo da avaliação e da conduta de cada um em relação à contribuição do conhecimento do grupo acerca do posicionamento do grupo e do conteúdo trabalhado nas novelas.

Quadro: Novelas Filosóficas de Matthew Lipman Para a Educação Escolar.

Novela filosófica	Usos e atribuições
<i>Hospital de bonecos e Geraldo</i>	Destinado aos primeiros anos da Educação Infantil - ambos trabalham a iniciação aos procedimentos da investigação filosófica.
<i>Elfie</i>	Destinado à Educação Infantil - trabalha a investigação filosófica em comunidade.
<i>Rebeca</i>	Destinado à Educação Infantil - trabalha o imaginário infantil.
<i>Isao e Guga</i>	Destinado às 1ª e 2ª série do Ensino Fundamental - trabalha filosofia da natureza.
<i>Pimpa</i>	Destinado à 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental - trabalha o significado da linguagem e sua significação.
<i>Nous</i>	Destinado à 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental - trabalha a formação ética.

Os conteúdos das novelas filosóficas foram definidos por Matthew Lipman, atribuindo aos romances filosóficos a função de dar o impulso inicial para as investigações que certamente proporcionaram o diálogo em sala de aula. Ao professor cabe fomentar esse diálogo e manter o “momento inquisitivo” por meio das atividades propostas nos manuais, que por sua vez, guardam “planos de discussão e de perguntas, planejados de modo a suscitar novas perguntas em vez de preparar caminho para respostas explícitas.” (LIPMAN, 1990, p.170)

Os programas no currículo de Filosofia para Crianças propõem uma grande quantidade de problemas filosóficos para as crianças refletirem – frequentemente epistemológicos em natureza, quanto lógicos, éticos ou metafísicos (LIPMAN, 1990, p. 167).

De acordo com Teles (1999) tais novelas filosóficas vão contribuir para que os valores sejam passados pelo crivo da razão, vão ajudar o aluno a definir com clareza seus objetivos de vida e assumir valores próprios que o ajudarão a ter uma relação equilibrada com o outro, com a vida e com o mundo. Na visão de Teles:

Filosofia para crianças e adolescentes [...] é um programa que cultiva o desenvolvimento das habilidades de raciocínio através da discussão de temas filosóficos, que ajudará aqueles não somente na aprendizagem do saber como na de inferir, comparar, relacionar, classificar, definir, deduzir, criticar, fazer analogias, mas também desenvolver valores positivos e posicionar-se diante da vida.(TELES, 1999, p. 120

É essa compreensão de posicionamento diante da vida que Lipman quer levar às crianças, para que através do debate elas possam chegar as suas próprias conclusões dentro da comunidade investigativa. Lipman chama de comunidade investigativa toda e qualquer sala de aula que tenha diversidade de posicionamento sobre determinado assunto e que tais posicionamentos sejam respeitados. Tal metodologia diferencia-se da concepção tradicional, onde o aluno reproduz o pensamento de outras pessoas sem questiona. Na proposta de Lipman, o aluno pensa, critica, questiona e constrói o seu conhecimento a partir do seu pensamento e da troca de ideias com os outros alunos. Lipman

(1995), acredita que uma comunidade de investigação pode ser formada desde que os membros que a compoñham, estejam igualmente dispostos a usar os mesmos procedimentos no sentido de alcançar alvos análogos.

Podemos [...] falar em 'converter a sala de aula em uma comunidade de investigação' na qual os alunos dividem opiniões com respeito, desenvolvem questões a partir das ideias de outros, desafiam-se entre si para fornecer razões a opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar as suposições de cada um. Uma comunidade de investigação tenta acompanhar a investigação pelo caminho que esta conduz ao invés de ser limitada pelas linhas divisórias das disciplinas existentes. Trata-se de um diálogo que busca harmonizar-se com a lógica, seguindo adiante indiretamente como um barco navegando contra o vento, mas no processo seu progresso assemelha-se àquele do próprio pensamento. Consequentemente, quando este processo é internalizado ou introjetado pelos participantes, estes passam a pensar em *movimentos* que se assemelham a *procedimentos*. Eles passam a pensar como o processo pensa (LIPMAN, 1995, p. 31-32).

O trabalho com a Filosofia na Escola, no sentido de estimular e incentivar o pensar excelente dos alunos, por meio do desenvolvimento das habilidades cognitivas deve ser feito por meio da substituição do modelo tradicional pelas comunidades de investigação, porque fazer filosofia implica em esclarecer conceitos analisando os significados em busca da verdade. Por isso, para Lipman (1995, p. 18): “a Filosofia tem sido tradicionalmente caracterizada como um pensar que se dedica ao aprimoramento do pensamento”.

Nesse contexto, a comunidade investigativa favorece habilidades como diálogo, questionamento, investigação reflexiva e bom juízo. Ela busca a forma e a capacidade do aluno de pensar em sala de aula, busca o desenvolvimento de habilidades cognitivas de criação de conceitos e análise de seus significados.

Na visão de Chioca (2002, p.8) a prática da comunidade investigativa acontece com ação do aluno na sala de aula, por meio de uma metodologia que desperta no aluno o desejo de aprender. E tal metodologia é baseada em projetos, pesquisas e participação de todos.

A comunidade investigativa possui também uma dimensão moral e política [...] não basta que as crianças desenvolvam suas habilidades cognitivas, sua capacidade de pensar coerentemente, logicamente. Mas que isso, é preciso que aprendam e prefiram empregá-la

adequadamente, isto é, em conformidade com os padrões socialmente aceitáveis. E como a comunidade de investigação realiza essa função política e moral? Criando o ambiente e as condições necessárias para que as crianças internalizem os valores considerados adequados a formação de seu caráter, de sua personalidade e de sua consciência cívica (SILVEIRA, 2003,p.18).

Observa-se que o fato do aluno interagir numa comunidade de investigação possibilita a construção de uma visão de mundo mais aberta e democrática, que considera o ponto de vista do outro, pois ao se atentar para o que o outro fala, desejando compreender sua intenção, o aluno tem a chance de revelar o que a ideia do outro provocou em si mesmo, experimentando as palavras do companheiro, de modo a construí-las novamente e só então, atribuir-lhes sentido próprio. Ao experimentar o exercício do pensar na comunidade de investigação, a opinião do outro desperta no aluno uma necessidade de se posicionar e rever suas próprias ideias, verificando-as quanto a sua autenticidade e significado para sustentar sua argumentação.

Portanto, de acordo com essa perspectiva, a transformação da sala de aula tradicional em uma comunidade de investigação parece ser uma alternativa interessante na construção de pessoas mais reflexivas, mais conscientes, tolerantes e democráticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia tem a necessidade de continuar a reafirmar a sua importância no currículo escolar e estar se perguntado sobre a sua prática, sendo de suma importância que o profissional de filosofia busque compreender qual é realmente o papel destinado à filosofia na educação infantil e se este papel se mostra importante nas escolas. Para isso, é necessário que se abra um espaço para o diálogo e busca da reflexão e do respeito à opinião do outro. Quando isso acontece, a filosofia se faz presente como uma necessidade básica na vida do aluno.

O professor tem um grande aliado que é a curiosidade e disposição para aprender, que é algo inerente à criança, a partir do desejo de aprender torna-se mais fácil o processo de investigação e conseqüentemente o diálogo e a reflexão.

Nesse sentido, o ensino da filosofia deve estar voltado para o cultivo e o aprimoramento das habilidades de pensamento dos alunos, como se expressar com clareza, entender o que o outro diz, saber argumentar e sustentar seu ponto de vista, etc., afim de que adquiram um “pensar de ordem superior”, entendido como a capacidade de pensar em conformidade com as regras lógicas. Deve-se, portanto, no ensino da filosofia com crianças buscar abandonar o paradigma tradicional da educação como transmissão de conhecimentos e substituí-lo pelo da educação para o pensar. O objetivo dessa substituição é corrigir as deficiências de raciocínio causadas nas crianças e nos jovens pela escola “tradicional” e melhorar as habilidades lógicas e interpessoais.

A educação escolar por meio do diálogo deve transformar o ambiente da sala de aula em um espaço de investigação filosófica, ou seja, em uma comunidade de investigação e em conseqüência tem-se o processo de construção coletiva do conhecimento de maneira contínua. Vale ressaltar que, quando a escola adota essa postura exige mais rigor do professor acerca de seus próprios estudos, para que ele tenha aprofundamento das questões levantadas pelos alunos e conhecimento dos objetivos propostos em cada aula, sem deixar que a mesma se transforme em mera conversa.

Portanto, compreende-se nessa pesquisa a necessidade do ensino de filosofia ser dialógico. Para isso, deve-se considerar os procedimentos metodológicos adequados para seu ensino, o papel do professor e o papel do aluno,

bem como da avaliação que se deseja, tendo como um dos objetivos da aula de filosofia levar o aluno a ser crítico da realidade em que vive, uma vez que ensinar filosofia é convidar a pensar. É convidar o aluno a compartilhar uma atividade que requer esforço, mas que abre uma enorme perspectiva de chegar a conhecer o novo. E quando se possibilita a novidade, quando aparece algo que antes não havia, em alguma medida, transformamos o mundo.

O ensino de filosofia para crianças nas escolas tornou-se um tema de interesse por parte de pesquisadores e educadores de vários países. Nesse estudo relatou-se a importância da filosofia para as crianças e concluiu-se que a escola deve preparar a criança para o exercício consciente da cidadania e para a construção de uma sociedade melhor. Trabalhar a filosofia com crianças é oportunizá-las a adquirirem não só novos conhecimentos, mas também a confiança em si mesma e no seu próprio processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eder Alonso, Paula Ramos de Oliveira, (organizadores). **Educando para o pensar**. São Paulo: Ed. Pioneira Thompson Learning, 2007.

CHIOCA, Solange Dal'Maso. **Comunidade de Aprendizagem Investigativa**: um novo paradigma para a educação. Disponível em:<http://www.jcpg.com.br>. Acesso em 12 maio 2012.

Filosofia para Crianças. Disponível em:<http://www.webartigos.com/artigos>. Acesso em 23 jun 2012.

GARCIA, Amanda Veloso. **A Contribuição do filosofar no Ensino Básico para uma educação em Direitos Humanos**. Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Marília, PIBID/CAPES, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Filosofia para crianças em debate**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Filosofia para crianças na Prática Escolar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter Omar; WASKMAN, V. (orgs). **Filosofia para crianças na prática escolar**. (Série Filosofia e crianças, vol II). Petrópolis: Vozes, 1998.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O Pensar na Educação**. Trad. Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia no Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Trabalhar com Filosofia na Educação: necessidades e possibilidades.** Revista da Faculdade de Educação da UFG, v. 32, nº 1 2007. Disponível em: <http://WWW.revistas.ufg.br>. Acesso em; 12 maio 2012.

_____. **A proposta de ensino de Filosofia para Crianças de Mathew Lipman.** Texto Digitado. São Paulo, 2001.

MARTINS, Marieth de Azevedo. **Filosofia para Crianças:** um caminho para o resgate de valores na escola e na família? Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo), 2010.

MURARO, D. N. **A dimensão do pensar na educação escolar:** o pensamento reflexivo como princípio educativo em John Dewey. Dissertação/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, 1998

OLIVEIRA, Paula Ramos. **Filosofia para a formação da criança.** São Paulo: Thomson, 2004.

SANTOS, N. **Filosofia para crianças:** investigação e democracia na escola. São Paulo: Terceira Margem (coleção Amazônia), 2000.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **A filosofia vai à escola?** Contribuição para a crítica do programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Campinas - SP: Autores Associados, 2001.

_____. **Matthew Lipman e a filosofia para criança três polêmicas.** Campinas – SP: Autores Associados – (Coleção Polêmicas do nosso tempo), 2003.

TELES, Maria Luíza S. **Psicodinâmica do desenvolvimento humano:** uma introdução à Psicologia da Educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.